

ENSINANDO CHAPEUZINHO VERMELHO

Escrito por:

Walter Cezar Addeo

Mestre em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), membro da APCA — Associação Paulista de Críticos de Arte. Escritor, dramaturgo e ensaísta.

“Tem muita Chapeuzinho Vermelho se apaixonando pelo Lobo Mau.”

Franklin S. Carter

RESUMO: Este texto faz uma análise comparativa entre a história de chapeuzinho vermelho contada e recontada com a mensagem moral de que se deve sempre obedecer às instruções e conselhos dos pais e a situação da mulher na modernidade. A versão impressa mais antiga dessa fábula é de Charles Perrault, no século XVII, e seu final é trágico. O que a história não diz é que a mãe de chapeuzinho esqueceu de lhe explicar quais os perigos reais que habitavam o caminho da floresta. Que ali era o território de lobos maus e que ela deveria evitá-los, mas principalmente reconhecê-los. Chapeuzinho ao encontrar o lobo mau na floresta não tem como reconhecer sua malignidade, conversa ingenuamente com ele e lhe dá o endereço da casa de sua avó para onde está indo.

Palavras-Chaves: Chapeuzinho vermelho; Charles Perrault; Mulher-século XXI.

Abstract: This text makes a comparative analysis between the story of Little Red Riding Hood told and retold with the moral message that one should always obey the parents' instructions and advice and the situation of women in modernity. The oldest printed version of this fable is by Charles Perrault, in the 17th century, and its ending is tragic. What the story doesn't say is that Little Red Riding Hood's mother forgot to explain to him the real dangers that inhabited the forest path. That there was the territory of bad wolves and that she should avoid them, but mainly recognize them. When Little Red Riding Hood meets the big bad wolf in the forest, she is unable to recognize his malice.

Key words: Little Red Riding Hood; Charles Perrault; 21st century woman.

É famosa a história de chapeuzinho vermelho contada e recon-tada com a mensagem moral de que se deve sempre obedecer às instru-ções e conselhos dos pais. A versão impressa mais antiga dessa fábula é de Charles Perrault, no século XVII, e seu final é trágico. Chapeuzinho mor-re nas mãos do lobo. Entretanto, a versão mais conhecida é a dos Irmãos Grimm que edulcorou a história e salva chapeuzinho vermelho no final. E qual é a história? A mãe de chapeuzinho pede que ela leve alimentos a sua avó que está doente, mas que não vá pelo caminho da floresta que é perigoso. Chapeuzinho desobedece, vai pelo caminho perigoso, encon-tra o lobo mau, e põe em perigo a si e sua avó. Interpretações psicanalí-ticas dão conta de que a capa vermelha que chapeuzinho usa é símbolo de que ela é uma menina que atingiu a puberdade e então corre os peri-gos próprios que toda menina enfrenta ao ver nascer sua maturidade sexual.

O que a história não diz é que a mãe de chapeuzinho esqueceu de lhe explicar quais os perigos reais que habitavam o caminho da floresta. Que ali era o território de lobos maus e que ela deveria evitá-los, mas prin-cipalmente reconhecê-los. Chapeuzinho ao encontrar o lobo mau na flo-resta não tem como reconhecer sua malignidade, conversa ingenuamen-te com ele e lhe dá o endereço da casa de sua avó para onde está indo.

E aqui começa nossa narrativa. Toda menina ao atingir a adolescência irá ter que se haver com lobos maus no seu percurso de vida. O lobo mau na vida das meninas é a figura do masculino tóxico, violento, opressor e que as desres-peitam física e psicologicamente. Elas, como chapeuzinho, não são prepara-das para reconhecê-los, saber enfrentá-los e, com prudência, afastar-se deles.

A pergunta é, o que acontece, então, na formação moderna das meninas para que elas iniciem suas primeiras relações amorosas tão des-preparadas? Antigamente, a forte separação entre mulheres e homens, com as mulheres segregadas fortemente no ambiente familiar patriarcal, impedia que elas aprendessem a conviver com o masculino e seus mo-dos de agir. Saíam do abrigo dos pais diretamente para um noivado e um casamento sem conhecerem realmente com quem estavam se casando.

Os tempos mudaram, as mulheres se emanciparam e o convívio com o masculino ficou mais aberto e libertário. Homens e mulheres, desde a ado-lescência, convivem agora aberta e intimamente uns com os outros. Mas, mesmo assim, elas continuam à mercê de lobos maus. Por quê? O que as fazem vítimas fáceis da violência masculina? Os dados são alarmantes. No Brasil, vítimas de violência doméstica, mulheres assassinadas por seus com-panheiros ou namorados aumentaram exponencialmente. A cada dia, apro-ximadamente, quatro mulheres são mortas e muitas outras sofrem violência física ou psicológica continuada e se calam por medo. Há um masculino perigoso rondando as mulheres e elas, mesmo com toda a emancipação fe-minina realizada, ainda não sabem reconhecer e evitar esse perigo nos seus primeiros relacionamentos com os homens. Continuam, muitas vezes, casan-

do-se com o inimigo. Acabam mortas ou agredidas por ele. Por que os chapéuzinhos vermelhos pós-modernos ainda não aprenderam a reconhecê-los? Por que as mulheres aprenderam a estudar, trabalhar, ser independentes, ter personalidade própria, mas ainda não aprenderam a evitar se apaixonar por alguém que pode vir a ser seu opressor? Emocionalmente, continuam a ser crianças desamparadas, continuam a se apaixonar por qualquer motivo.

Há várias explicações para isso. Vamos explorar uma delas, talvez a que menos atenção tenha recebido até agora. As mulheres, desde sua adolescência, são vítimas de uma estrutura cultural chamada “romantismo” que as dominam e assim são entregues de olhos vendados ao masculino predador. O amor romântico exacerbado em nossa sociedade por milhares de canções, filmes, novelas, livros e narrativas diversas criaram um estado de excitação romântica que impede as mulheres de analisarem com honestidade e isenção seus pretendentes, futuros maridos. Os homens também são vítimas desse estado amoroso e também escolhem errado. Mas, eles são bem menos atingidos por esta febre romântica do que as mulheres e correm menos perigo de agressões. Para eles é bem menos perigoso serem terrivelmente românticos.

Pode-se dizer que um “inconsciente romântico” foi introjetado no psiquismo de todos nós pela cultura ocidental e na sociedade do espetáculo em que vivemos. A indústria cultural de massa cuidou de intensificar isso a tal ponto que ninguém escapa muito bem desse momento de paixão amorosa. O chamado “amor romântico” mostrou-se um ótimo produto de venda na sociedade de consumo capitalista e consegue manter a todos nós como dependentes emocionais. Podemos dizer que é uma droga sancionada de cuja dependência é difícil nos livrarmos. Ao acordarmos desse estado de embriaguez emocional, quando a realidade da vida finalmente se impõe, todos temos feridas a cuidar.

Este ideal romântico, sociologicamente falando, tem origens precisas no século 18 quando um paradigma cultural se estabelece a partir da Alemanha atingindo a literatura, a poesia, o teatro, as artes plásticas, a música, enfim, um fenômeno social total dentro da cultura e que se chamou de “movimento romântico”. O movimento romântico se espalhou por toda a Europa, atravessou o Atlântico e chegou ao Brasil. Seu grande mérito foi fazer frente aos excessos racionalistas do Iluminismo, iniciando um movimento em direção a ideia de uma vida interior cheia de ímpeto e paixão, abrindo caminho decisivamente para a construção de uma filosofia do EU, antecipando, inclusive, alguns temas que futuramente a psicanálise freudiana iria se ocupar. Depois de seu momento hegemônico, quando deixa de ser um movimento estético forte e predominante, ao refluir, deixa em seu rastro o que hoje denominamos de “sentimento romântico”, marcas psíquicas que se introjetaram e permaneceram.

Neste sentido, ele nunca foi embora, uma vez que foi devidamente metabolizado pela sociedade de consumo. Continua no coração de cada apaixonado. Músicas nos falam dele e as mulheres, ao chegarem à adolescência, aderem a ele inconscientemente. Todo namorado é sempre um

príncipe encantado em potencial. Ou seja, os chapeuzinhos vermelhos de hoje não têm muita chance contra a idealização que elas mesmas fazem dos lobos maus que as esperam na floresta. Diversas vítimas de violência masculina quando perguntadas por que não se afastaram a tempo, como não perceberam o perigo que corriam, geralmente insistem em responder com padrões românticos do tipo: “É que eu o amava muito” ou “não queria perder o amor da minha vida”. Ou seja, o mito do amor romântico é mesmo uma droga insidiosa. Deixa efeitos colaterais difíceis de curar.

Então, enfrentemos a questão de frente. É preciso uma nova pedagogia para as meninas. É preciso que em casa, na escola e nas redes sociais se comece a ensiná-las a reconhecerem masculinidades potencialmente



Estátua MULHER MODERNA em gesso.
Artista: Nova casa de gesso
Dimensões: 30 x 9 x 28 cm
Disponível em: <https://novacasa degesso.com.br/produto/mulher-moderna-2/#&gid=1&pid=1>

tóxicas, perigosas e mesmo mortais. Muitas vezes, os sinais já estão claramente presentes nos tempos de namoro, mas são negligenciados e minimizados pelas mulheres. Esses sinais são fáceis de decodificar, desde que nossas meninas aprendam a observá-los corretamente. O namorado com comportamento abusivo ou inconveniente será o marido abusivo e violento de amanhã. Mas, elas omitem esses fatos para si mesmas. Nosso tipo de educação sentimental as mantém num estado de dependência extrema com relação aos seus ideais românticos.

Elas não têm com quem conversar objetivamente sobre isso, não têm indicações claras sobre esses compor-

tamentos errados que estão lá desde o primeiro momento. Muitas dizem que não tinham realmente como reconhecer que seus namorados eram assim tão violentos quando os conheceram. Faltou-lhes, portanto, informação especializada sobre o comportamento errado masculino. Gestualidades específicas, tom de voz, frases grosseiras, ciúmes excessivos, exigências descabidas, censuras, proibições explícitas, estão à disposição delas para as alertarem dos perigos que as esperam, mas são totalmente ignorados. Casam-se com abusadores potenciais. Então, muitas vezes, lamentavelmente, entram para as estatísticas de mulheres mortas por seus companheiros ou espancadas por eles.

A solução está no lugar de sempre. A escola. É lá que as informações devem circular. As escolas, a partir do ensino médio – quando as meninas estão definitivamente em suas plenas adolescências e os namoros começam a explodir de maneira forte – precisariam ministrar aulas sobre a psicologia do masculino; como o masculino age e reage perante o feminino, quais as atitudes normais próprias e toleráveis por parte dos namorados, quais as atitudes impróprias e impossíveis de contemporização por parte delas. Vemos meninas,

em público, serem claramente desrespeitadas pelos seus namorados e aceitarem isso passivamente. Bem, é hora de começar a mudar este quadro e só através de informação qualificada e uma nova pedagogia de relacionamento entre homens e mulheres pode-se começar a mudar este estado de coisas. Temos que começar pelo básico, ensinando com realismo a chapeuzinho vermelho quais os verdadeiros perigos que se escondem na floresta e como evitá-los.

Reconhecer os primeiros sinais de futuras violências é o começo. E, muitas vezes, eles estão muito claros e evidentes. Daí a necessidade de uma nova educação amorosa para as meninas. Precisamos dar informações precisas e lhes fornecer estratégias eficientes para que se defendam. Não será da noite para o dia que corações e mentes mudarão, mas é preciso começar agora. Dizer não ao feminicídio começa na escola através de uma educação mais realista. Um novo marco pedagógico deve ser implantado para delimitar até onde os sentimentos românticos e afetivos poderão transitar com segurança e quando um romantismo exacerbado e insano por parte do feminino pode ser o coadjuvante, o aliado de um masculino predador. Uma nova cartilha amorosa poderá salvar muitas mulheres da violência.

Então, mãos à obra. Vamos ensinar chapeuzinho vermelho a não se casar com os lobos maus que encontrarem pelas estradas da vida. E não tenham dúvida, eles estarão lá a espera delas. Então não podem e não devem continuar indo à floresta com a mesma ingenuidade romântica de sempre. Precisam saber avaliar cuidadosamente seus parceiros. Para isso é preciso que tenham acesso a uma informação psicológica comportamental especializada. Específica para esse fim. Precisam conhecer a fundo a psicologia masculina. É preciso que saibam ensinar o próprio coração a se proteger. Informação é, portanto, o nome do novo jogo amoroso para todas as meninas que, em determinado momento, irão à floresta, de maneira confiante e esperançosas, vestidas com suas capas vermelhas. Mas, devidamente informadas, não darão o endereço de seus corações aos lobos.